

CARTA DO EDITOR

Esta edição **História da sexualidade e das relações de gênero** da Revista Rumos da História tem objetivo de fomentar o debate sobre temas atuais como a sexualidade e as relações de gênero e estabelecer o entrelaçamento de como elas influenciam e são influenciadas pelo contexto histórico. Assim como em todos os fatos históricos, os valores e as verdades, dependem das subjetividades de quem tem o poder da narrativa, a história da sexualidade e das relações de gênero está repleta dos valores dos narradores. É importante compreender estas narrativas em seus respectivos contextos históricos na busca de se estabelecer uma visão holística da história da sexualidade e das relações de gênero.

Nesse sentido, esta edição apresenta aos leitores seis artigos respaldados em diferentes referenciais teóricos escritos por autores de diferentes realidades visando possibilitar o acesso à diversidade de enfoques sobre um tema igualmente diverso.

O primeiro artigo *“História e representações sociais da sexualidade”* apresenta um breve resumo da história da sexualidade no qual assumi a responsabilidade de preencher uma lacuna, a de não termos tido um artigo sobre a temática da homossexualidade, numa abordagem que busca evidenciar a influência da propriedade privada e das relações de poder nas construções e nas representações sociais da sexualidade.

O segundo artigo *“O espelho obscuro: perfis e condutas femininas indecentes na Fortaleza oitocentista”* de Nicodemos Zacarias da Silva, mestrando na UFCE, analisa como os discursos narrativos presentes nos documentos judiciais de Fortaleza, entre 1840 a 1890, baseados em valores religiosos, estabeleceram normas de feminilidade que transformaram em transgressão da lei práticas e experiências comuns do cotidiano. Evidencia as relações de poder entre os gêneros com clara imposição de submissão do feminino ao masculino e o poder da religião sobre o Estado.

O terceiro artigo *“A infidelidade feminina nos processos de desquite (Porto Alegre, década de 1930)”* de Amanda Ciarlo Ramos, mestranda na UFRGS, analisa como a construção do conceito de infidelidade feminina sofreu influência de gênero

produzindo um discurso que possibilita vigilância e controle da sexualidade e dos corpos femininos por parte da sociedade.

O quarto artigo *“Masculinidades, Terrorismo de Estado e a lógica do butim de guerra”* de Emerson Flores Gracia, mestrando na UFRGS, analisa como as Ditaduras de Segurança Nacional no Cone Sul: Brasil, Uruguai, Chile e Argentina, forjaram um estado de guerra para combater os ideais de esquerda destacando como as concepções de masculinidade e feminilidade dos policiais e militares fizeram com que a repressão à mulher fosse ainda mais severa.

O quinto artigo *“Por uma metodologia feminista: pensando textos da prosopografia e da micro história a partir de uma perspectiva de gênero”* de Augusta da Silveira de Oliveira, mestranda na UFRGS, problematiza as categorias fixas de sujeitos canonizados pelos estudos historiográficos como se esses precisassem apenas ser descobertos pelos historiadores, da mesma forma questiona a suposta imparcialidade do historiador. Evidenciando a necessidade de uma prosopografia que considere o gênero e suas relações nas narrativas dos fatos históricos.

O sexto artigo *“Será a senhorita tão severa em relação a seu próprio sexo”(?): Sociedade, Família e Casamento em Orgulho e Preconceito de Jane Austen (1775-1817)”* de Marina Pereira Outeiro, mestranda na UFRGS, apresenta a ascensão do romance como gênero literário e como casamento, família e felicidade são abordados na obra *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen, destacando as relações de gênero da sociedade inglesa do século XVIII.

Dessa forma, apresentamos ao leitor em ordem aproximadamente cronológica seis artigos dos quais um apresenta um breve histórico sobre a sexualidade destacando as representações sociais sobre homossexualidade e a estreita relação com a representação das feminilidades, quatro focam nas questões femininas, o que era de se esperar já que a discussão sobre gênero surge exatamente da demanda feminina por reconhecimento de sua contribuição para a construção da humanidade, um artigo aborda a construção das masculinidades, não por a caso esse artigo é contextualizado em ambientes militares e situações de conflitos, em guerras simbólicas contra ideologias não hegemônicas onde se evidenciou adotar estratégias similares às de guerras bélicas tradicionais situações em que se verifica exacerbação das características da masculinidade hegemônica.

Desejo a todos boas reflexões a partir da leitura dos artigos apresentados.